



GT 08. Antropologia das Emoções

Coordenador(es):

Maria Claudia Pereira Coelho (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Raphael Bispo dos Santos (UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora)

Sessão 1

Debatedor/a: Eduardo Moura Oliveira (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2

Debatedor/a: Monalisa Dias de Siqueira (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3

Debatedor/a: Ceres Gomes Víctora (UFRGS)

O objetivo deste grupo de trabalho é reunir pesquisas que tenham como foco analítico a compreensão da maneira como as dimensões emocionais integram a vida social e dão sentido às experiências dos sujeitos. As pesquisas em Antropologia das Emoções se consolidaram no Brasil nas últimas duas décadas - a partir de perspectivas de campo variadas e com linhas teóricas específicas -, problematizando oposições centrais no pensamento antropológico, tais como indivíduo versus sociedade, natureza versus cultura, micro versus macro, mente versus corpo, privado versus público, interno versus interno, entre outras. Esse grupo de trabalho elege três focos principais do debate sobre emoções: a) sua capacidade micropolítica; b) a dimensão moral da vida emocional; e c) a relação entre emoções e temporalidade. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções, gênero e sexualidade; b) emoções e religiosidades; c) emoções, geração e curso da vida; d) emoções e política; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) emoções, consumo e lazer.

Entre a coragem e as covardias nas lutas por terra

Autoria: Renata Barbosa Lacerda (Doutoranda)

O work analisa nas narrativas de pequenos agricultores e agricultoras a gramática moral e emocional que acionam ao lutarem pela consolidação do assentamento PDS Terra Nossa, Pará. A oposição entre os valores referentes à covardia e à coragem revela as relações de assentados e assentadas com o medo e o sofrimento vivido cotidianamente ao segurarem a terra apesar das humilhações e ameaças variadas perpetradas pelos agentes dominantes ? servidores estatais, políticos, fazendeiros, madeireiros e uma mineradora ?, os quais se engajaram na redução, recategorização ou mesmo cancelamento do assentamento. Ao passo em que a covardia era acionada para inferiorizar moralmente esses agentes fortes por produzirem injustiças contra os mais fracos, a coragem era valorizada na mobilização como enfrentamento do medo resultante dessa relação e se associava à valorização moral daqueles que lutam como guerreiros(as) e sobreviventes. Ao mesmo tempo, isso pode se inverter quando apontavam tanto a valentia dos fortes, que possuem maiores condições para brigar pela terra, quanto o medo como justificção para a saída de muitas famílias dos lotes do assentamento e para os dilemas de denunciar ou não as violências ? sendo também fator de ponderação por lideranças de movimentos sociais. Ademais, observo que havia assentados que avaliavam alguns fortes como humildes ou defendiam que os brabos teriam amansado com o tempo, não sendo mais os causadores de situações de medo.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: